

As mudanças culturais que levaram o Grafite às Galerias de Arte¹

Talita Késsia de SENA²

Helena MARTINS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

Resumo

O Grafite, elemento constituinte da cultura Hip Hop, saiu das ruas e entrou nas galerias de arte e museus a partir de mudanças trazidas pela (pós) modernidade. Tendo em vista essa nova situação, interessa-nos questionar como os grafiteiros veem essas mudanças e como elas incidem sobre seus modos de atuação e intervenção. Para tanto, valemo-nos através da revisão de literatura sobre o estado da cultura na contemporaneidade, bem como de entrevistas realizadas durante o evento 4º Só Letras, na cidade de Fortaleza, Ceará. Este artigo, portanto, busca entender quais foram essas mudanças e como os grafiteiros as compreendem, comparando tais percepções ao que nos aportam as teorias que versam sobre o tema, especialmente aquelas relativas à hibridação cultural, tendo em vista que os sujeitos pesquisados e os teóricos que analisamos vivenciam essa cultura de modos distintos.

Palavras-chave: Cultura, grafite, hibridação.

Introdução

Desde a Pré-História, o Homem deixa sua marca através da arte mural. Em um primeiro momento, ele inscreveu suas marcas nas rochas e grutas, por exemplo. Na contemporaneidade, ele passou a utilizar suportes como muros, monumentos, cimento, só para citar alguns. A utilização desse cenário urbano, vista, às vezes, como uma transgressão, produziu uma diversidade cultural que ultrapassou toda e qualquer barreira que a diferisse das produções artísticas já consagradas. Estamos nos referindo, nesse caso, ao Grafite.

Movimento constituinte da cultura Hip Hop⁴, o Grafite teve início no final dos anos 1960, em Nova York e Berlim. Caracterizado como uma expressão artística⁵ que utiliza como suporte o cenário urbano - e tem a lata de spray como ferramenta, ele passou

¹ Trabalho apresentado no GP DT 6 – Interfaces Comunicacionais, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 3º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: talitakessia@alu.ufc.br

³ Orientadora do trabalho. Professora temporária do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: mb.helena@gmail.com

⁴ A cultura *Hip Hop* é constituída por quatro elementos: o *Break Dance*, o *DJ* (disc-jóquei), o *Rap* (rhythm and peace) e o Grafite.

⁵ A utilização do termo arte para classificar o Grafite é questionada.

da classificação de um ato visto como ilegal pela sociedade, para uma manifestação de arte. Arte esta que passou a integrar os circuitos de exposição em museus e galerias, ao lado de obras e formatos já consagrados. Mas o que tem de diferente a sociedade moderna que mudou a sua visão de arte tão radicalmente?

As classificações (culto, popular e massivo), tão valorizadas pela sociedade tradicional, já não representam mais a nossa atual sociedade, uma sociedade de cultura híbrida, isso é, na qual se encontram e se misturam diferentes expressões culturais. E é a partir percepção dessas mudanças, dessa hibridação, que este artigo se propõe a entender o como que teóricos da área da Comunicação e Grafiteiros veem a mudança de status do Movimento do Grafite. Para tanto, foram realizados estudos na área da Sociologia Cultural e da Comunicação, sobretudo autores como Néstor García Canclini e Raymond Williams, e entrevistas a grafiteiros e apoiadores durante o evento 4º Só Letras, realizado na Lagoa Porangabussu, na cidade de Fortaleza, em 2012.

1 Uma definição de cultura e de culturas híbridas

Advindo da biologia, o termo *Cultura* possui muitas definições e aplicações. Segundo Williams (1992), na Biologia esse termo descreve um *processo*, que pode ser o de cultivo de vegetais, criação e reprodução de animais e, também, de cultivo ativo da mente humana. Um sentido mais próximo do que conhecemos e usamos hoje foi cunhado no final do século XVIII. Esse novo significado trazia consigo o sentido de cultura como informação do “modo de vida global de determinado povo”. Já a utilização no plural – *Culturas* – foi empregado por Herder (1784-91) para fazer uma diferenciação do sentido singular que poderia vir a ser associado ao termo, que passaria a ideia da existência de uma trajetória evolucionista a ser seguida por todas as culturas⁶.

A pluralidade de significados que são atribuídos ao termo *cultura* está relacionada com a “natureza dos elementos formativos ou determinantes que produzem

⁶A evolução unilinear, ou evolucionismo social clássico, é uma teoria social sobre a evolução das sociedades e culturas, da segunda metade do século XIX. Ela defendia que a espécie humana é uma só. Assim, cada sociedade seguiria uma única trajetória, partindo do estado primitivo até chegar ao modelo clássico. Dessa maneira, as particularidades de cada sociedade não eram consideradas ao se pensar nas várias possibilidades e modelos de evolução. Conceito obtido em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolu%C3%A7%C3%A3o_unilinear na data 18 de Junho de 2012.

essas culturas características” (WILLIAM, 1992, p. 11). Pode-se destacar, em meio a essa pluralidade semântica, a “antiga ênfase num espírito formador” e a ênfase em uma “cultura vivida”. Na primeira, temos os ideais, a religião e o nacionalismo; na segunda temos outros processos sociais, como os de ordem econômica e/ou política. Visões bem distintas que promovem uma variação de dimensão referencial de cunho global e local, percebida no grafite, a partir, por exemplo, da temática abordada nos desenhos, da finalidade (comercial, artística ou interventiva) e até do estilo dos traços.

Raymond William nos traz três significações a partir do sentido de cultura como “cultivo ativo da mente”:

(...) (i) *um estado mental desenvolvido* – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando por (ii) *os processos desse desenvolvimento* – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, e até (iii) *os meios desses processos* – como em cultura considerada como “as artes” e “o trabalho intelectual do homem”.(1992, 11)

Poder-se-ia considerar o terceiro sentido como o mais usual na atualidade, e o mais adequado ao movimento Grafite, por seu caráter de “criação artística”. Porém, tomar arte como significado de cultura, quando se fala em Grafite, gera divergências, inclusive entre os próprios grafiteiros, como o entrevistado Emanuel, formado em artes plásticas e integrante da Crew⁷ R.A.M⁸, que afirma que não encara o Grafite como arte.

Diante da dificuldade em se encontrar uma definição, surge-nos possibilidade de tornar essa problemática mais proveitosa, tomando-a como “resultado de formas precursoras de convergência de interesses” (WILLIAMS, 1992, p. 11). Raymond Williams destaca duas formas principais. São elas a *ênfase no espírito formador*, aquele manifestado pelos estilos artísticos, por certa linguagem etc; e a ênfase em *uma ordem social global*, onde uma determinada cultura é considerada um “produto direto ou indireto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais” (WILLIAMS, 1992, p. 12). Ou seja, uma ênfase *idealista* e outra *materialista*. Essa visão era a visão que se tinha de cultura até a metade do século XX.

Nas obras contemporâneas, ocorre uma nova convergência. Elementos, tanto da primeira visão, quanto da segunda, se convergem para um único, juntamente com outros

⁷ Crew: grupo de grafiteiros, que se reúnem para grafitar e produzir eventos.

⁸ R.A.M significa Revolução Através dos Muros. Fonte: <http://ramcrew.com.br/?page_id=6>

elementos, *sistema de significações*. Sistema esse que comunica os valores e modos de uma dada ordem social. Convergem-se, na prática, os sentidos antropológico e sociológico de cultura, bem como o sentido mais especializado de cultura como “atividades artísticas e intelectuais”.

Canclini, em seu livro *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*, nos traz uma nova ideia, a ideia de cultura híbrida: “(...) entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, 2008, xix). É essa a conceituação que mais se aproxima do fenômeno do Grafite nas galerias de arte e museus. E esse não é um fenômeno recente. “No cenário americano, Veneroso (2000) conta que em 1981 a Fun Gallery emergiu na região underground de Nova York, promovendo eventos com grafiteiros, *rap music* e *break dancing*” (TAVARES, 2011, p. 46). No Brasil, a aproximação da identidade do grafiteiro com a do artista começou com a aceitação de grupos de arte urbana, como o 3nós3 e o Tupinãodá.

Foram vários os fatores responsáveis por essa mudança. Pode-se apontar, entre eles, como explica Veneroso (2000 *apud* Tavares, 2011), o movimento artístico em alta na época (anos 80), o neoexpressionismo¹⁰. Nesse contexto, artistas como Basquiat¹¹ ganharam destaque. Ainda segundo Veneneroso, “o retorno à pintura, depois de experiências imateriais em body art¹², arte conceitual¹³, happenings¹⁴ e land art¹⁵, facilitou o comércio de arte e gerou uma urgência das galerias por obras” (Tavares, 2011, 47).

⁹ VENEROSO, Maria do Carmo F. O artista de rua: Samo; Jean-Michel Basquiat. In Caligrafias e escrituras: Diálogo e intertexto no processo escritural nas artes no século XX. Tese (Programa de Pós-Graduação em Letras - doutorado) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

¹⁰ <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3811>

¹¹ Jean Michel Basquiat, artista neoexpressionista americano, de talento precoce, que aos três anos de idade já desenhava caricaturas. Ele foi um dos responsáveis pela aproximação do Grafite das ruas com as Galerias. Obtido em <http://educacao.uol.com.br/biografias/basquiat.jhtm> na data 18 de Junho de 2012. Mais informações sobre esse artista podem ser encontradas no site <<http://basquiat.com/>>

¹² <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3177&cd_idioma=28555&cd_item=8>

¹³ <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3187&cd_idioma=28555>

¹⁴ <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3647&cd_idioma=28555&cd_item=8>

¹⁵ <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3649&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=8>

Outro fator a ser considerado são as mudanças ocorridas no pensamento sobre o urbano, onde a cidade não mais é pensada apenas em seu aspecto físico e estrutural, mas, também, em uma dimensão simbólica (PAIVA, sem data). “Ao capital financeiro e industrial costuma-se hoje somar o capital cultural. A competição internacional entre as cidades produziu uma mutação das tradicionais cidades industriais em cidades de arte ou de cultura.” (CANEVACCI, 2004, p. 38 apud¹⁶ PAIVA, sem data). Assim, o Grafite, característico do espaço urbano e com uma identidade local, tornou-se uma forma de diferenciação entre as cidades e de valorização das mesmas. Da mesma maneira que teorias a respeito do pensamento urbano mudaram, as categorias em que a arte era dividida também mudaram. Chegamos agora ao ponto em que ocorreu a mudança de categoria do Grafite.

Retomando o conceito de culturas híbridas, já apresentado, as categorias artísticas, antes divididas em culta, popular e massiva, agora não são mais suficientes para classificar as produções atuais (PAIVA, sem data). Canclini nos diz que “o Grafite é um meio sincrético e transcultural” (CANCLINI, 2008, p.338). Como exemplo, podemos citar a I Bienal de Grafite do Ceará¹⁷, fruto de uma parceria de algumas *crews* locais com o MAUC, Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Nesse evento, grafiteiros terão liberdade para grafitar sobre o que quiserem, dentro do museu e nos muros da universidade.

Esse processo pelo qual o Grafite passou (hoje em dia sendo até comercializado¹⁸), pode ser reconhecido como um *ciclo de hibridação*. Ideia proposta por Brian Stross, nesse ciclo passamos de formas de cultura mais heterogêneas para formas mais homogêneas e, de formas mais homogêneas para formas mais heterogêneas, sem nunca esse ciclo acabar e sem nunca uma determinada cultura alcançar um estado de “pureza” (CANCLINI, 2008). O grafite, uma forma de expressão através de imagens, agora está inserido na mesma categoria que as outras formas de expressão já consagradas como arte.

¹⁶ CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica - Ensaio sobre a Antropologia da Comunicação Urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

¹⁷ A Bienal ocorrerá em Outubro, como parte integrante do Festival de Cultura da UFC, segundo informação fornecida pelo entrevistado Davi, integrante da Crew P2K (Paridos pelo Kaos).

¹⁸ Como exemplo temos o trabalho da dupla OsGêmeos (PAIVA, sem data).

2 Método de pesquisa

2.1 Caracterização da pesquisa

Com o objetivo de coletar a opinião e entender, como os grafiteiros que participaram do evento 4º Só Letras, identificam e classificam seu trabalho e como eles veem as mudanças ocorridas que levaram o Grafite ao estado atual, foram realizadas entrevistas a cada um individualmente.

Em sua quarta edição, o evento Só Letras foi realizado às margens da Lagoa Porangabussu, no bairro Rodolfo Teófilo, nos dias 09 (nove) e 10 (dez) de Junho, de 2012. Ele é organizado pela *R.A.M Crew Grafitti*, uma *Crew* de Grafite (eles não tem nenhuma ligação com os outros três elementos do Hip Hop, o Rap, o Break e DJ). O evento recebeu o nome de “Só Letras” por estar dedicado exclusivamente ao grafite de letras, utilizadas, geralmente, para assinar a *crew*.

A entrevista foi escolhida, como instrumento de pesquisa, pela necessidade de se obter a opinião dos indivíduos que participam ativamente do movimento aqui estudado. Pois são várias as opiniões de teóricos da Comunicação, da Arte, da Antropologia etc, que descrevem como e por que o Grafite possui o *status* de arte na atualidade, mas poucas vezes a opinião dos grafiteiros é a mais destacada. Através do método qualitativo, as opiniões foram analisadas individualmente e contrapostas, já que houve opiniões contrárias.

2.2 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

As entrevistas ocorreram na manhã do dia 10 (dez) de Junho de 2012, às margens da Lagoa Porangabussu, situada no bairro Rodolfo Teófilo, na cidade de Fortaleza, Ceará. Os grafiteiros entrevistados foram selecionados aleatoriamente, por indicação daqueles que foram abordados e por disponibilidade de tempo.

Foram entrevistadas seis pessoas. Cinco grafiteiros, sendo três deles grafiteiros locais (Davi, Nim e Emanuel), e dois grafiteiros (Aliado e Arem) convidados de Recife, Pernambuco, e um representante (Mário) da marca de tinta látex que estava apoiando o evento. Apesar de não ser grafiteiro, o representante comercial entrevistado tinha um bom

conhecimento a respeito do movimento do Grafite, pois já havia acompanhado outros eventos e teve o Grafite como linha de pesquisa e tema para o projeto de uma possível monografia. Todos os entrevistados são do sexo masculino. Havia duas grafiteiras no evento, mas como elas estavam na organização do mesmo, elas não dispuseram de tempo para as entrevistas.

2.3 Coleta de dados

Durante a coleta de dados, gravamos as entrevistas, para agilizar o processo e garantir uma maior veracidade das informações no momento de sua análise. As perguntas feitas foram escolhidas de acordo com o direcionamento do diálogo e com a pessoa entrevistada. Por exemplo, algumas perguntas foram feitas somente para os grafiteiros convidados de Recife.

Os questionamentos mais realizados foram os seguintes:

- Há quanto tempo e como você começou no Grafite?
- No começo, você participava de eventos como o 4º Só Letras?
- Vocês encontram apoio, patrocínio, incentivo do governo?
- No geral, o grafite tem muito apoio? Como a sociedade vê o grafite hoje em dia?
- Eventos como esse (4º Só Letras) ajudam na divulgação do grafite?
- Como você vê o grafite? Como arte, como intervenção?
- Hoje o grafite entrou nas galerias de arte. Você acha isso um ponto positivo?
- Existe muita diferença entre grafite e pichação?
- Você já teve algum trabalho exposto em galeria ou pretende ter?
- Você faz um rabisco no papel antes de fazer o grafite na parede? Ou faz de improviso?
- Quando vocês estão fora de um evento, como vocês escolhem o lugar que vai receber o grafite? Precisa de autorização?
- Existe muito preconceito contra os grafiteiros?
- Você acha que existe uma função social ou política por detrás do grafite?
- Existe alguma restrição por parte do governo quando vocês recebem patrocínio?
- Você participa de algum projeto social?

- Qual a importância de vocês se organizarem em *Crews*?
- Você acha que as novas mídias ajudaram a divulgar o Grafite?
- Como você avalia o impacto do grafite na cidade?
- O Grafite anda sozinho ou está sempre aliado ao Hip Hop?
- Como que surgiu a ideia de criar o Só Letras? (Pergunta feita especificamente para um dos organizadores do evento)
- Como que se deu esse apoio da Hidracor ao evento Só Letras? (Pergunta feita especificamente para o representante comercial presente no evento)
- Como é que a Hidracor vê essa diferença entre Grafite e Pixação? (Pergunta feita especificamente para o representante comercial presente no evento)

As entrevistas foram analisadas, a partir do diálogo com as teorias já apresentadas, e os resultados estão expostos na análise.

3 Análise

3.1 Inserção no mundo do Grafite: Grafite x Pixação

Constatou-se que a maioria dos grafiteiros entrevistados teve contato com o Grafite a partir da Pixação¹⁹. Somente o Emanuel, que estudou Artes Plásticas, não começou como pichador. Ele nos informou que começou a fazer Grafite a partir do contato que teve com a técnica durante a faculdade.

Com relação à passagem pela Pixação e a sua relação com o Grafite, Davi nos informou que, “quando a pixação começou a se transformar em questão de moda e só pixar mesmo [quando perdeu a sua função política de protesto] e pronto, a gente começou a procurar outro mundo.” (DAVI, 2012). Arem nos falou que a diferença entre Grafite e Pixação “tá em cada pessoa. Tipo, o conceito dela em relação sobre. Tipo, tem pixador que faz a parada por essência, por gostar mesmo. Então, tem grafiteiro que faz o mesmo. A diferença é o modo de se expressar. E a outra diferença, é que tem grafiteiro que faz por

¹⁹ A pichação tanto pode ser a assinatura do autor de um Grafite, como uma assinatura solta pelos muros. Também se refere ao ato de "pixar" (com x) que significa expressar e popularizar um nome, um pseudônimo, uma marca. Essa última prática é vista como ilegal ainda hoje.

amor à arte, e tem pixador que faz pra aparecer, aí por isso que vai de acordo com as pessoas” (AREM, 2012).

Vendo a partir do ângulo exposto, o Grafite difere da Pixação por não possuir um caráter (tão forte) de protesto, como relatado pelo Davi (ainda que esse aspecto tenha se perdido com o passar do tempo na pixação) e por ser feito com comedimento, já que não é praticado em todos os lugares, como a pichação. Outro fator que diferencia as duas formas de expressão é a regulamentação. O Grafite, segundo o Projeto de Lei 138/2008, do Deputado Geraldo Magela²⁰, é permitido, desde que com a autorização do proprietário do imóvel. Já a Pixação é uma prática transgressora por essência. Desde as pichações com protestos até àquelas feitas para demarcar território, “para aparecer”. Elas utilizam espaços tidos como proibidos.

Essa distinção feita entre Grafite e Pichação é criticada por outros grafiteiros. Emanuel nos contou que a divisão entre Grafite e Pichação é feita pela sociedade em geral, que enxerga “dois opostos diferentes, dois pólos distintos”, enquanto que para eles, “é uma coisa que tá caminhando em paralelo”. Ou seja, a sociedade hegemônica, por querer identificar os mais diversos grupos, acaba por negligenciar os aspectos comuns que tangem as mais diversas formas de cultura e de expressão.

3.2 O Grafite visto por seus atores

Algumas explicações sobre a visão de Grafite na atualidade já foram fornecidas. Teorias já foram aplicadas para que possamos entender as mudanças culturais na sociedade moderna que acabaram por mudar também o que é considerada cultura popular, culta e massiva. Agora, vamos entender o que os grafiteiros, atores dessa prática de expressão urbana e artística, pensam a respeito da classificação da sua produção como arte.

Quando indagados sobre o reconhecimento do Grafite como expressão artística, dois dos entrevistados se mostraram contra essa classificação. Nim afirma que grafite “dentro de uma galeria não é grafite”, “que grafite é grafite”. “O grafite não se encaixa em

²⁰ Informação obtida em: <<http://www.evom.com.br/projeto-lei-regulamenta-grafite>>

nenhuma categoria”, “grafite é grafite”. “E que se o grafite entrar na galeria ele não é grafite, ele é um desenho, é uma pintura” (2012). Para Emanuel, o grafite é compreendido “como cultura, como uma manifestação cultural e etc. (...) colocar cultura dentro de uma galeria para mim é artesanato. E o Grafite está muito longe se ser uma expressão de artesanaria.” (2012). O ponto mais criticado é a ressemantização do grafite quando exposto em um ambiente fora daquele urbano. Ele perde uma de suas características fundamentais, a de acessibilidade. O grafite nas ruas é acessível a toda a população, principalmente àquela que não tem acesso às exposições de “obras de arte”.

Por outro lado, a inserção do grafite nesse novo ambiente, mesmo com restrições temáticas, é vista como um ponto positivo, até como o ponto máximo de reconhecimento de uma prática que nasceu nas ruas (DAVI, 2012). Para o Aliado, as exposições de grafite servem para mostrar para as classes mais abastadas que “o grafite não é piche” (2012). Já o representante comercial Mário apresentou uma visão bem mais próxima daquela apresentada pelos teóricos. Segundo ele, “o Grafite é um estilo de arte urbana que vai procurar expressar um sentimento dessa relação do Homem com o meio social através da arte.” (MÁRIO, 2012).

Em suma, das opiniões obtidas, algumas delas concordam com a afirmação de que Grafite é arte e que deve sim estar nas Galerias de Arte e Museus, e que inclusive essa transposição de uma prática cultural, essencialmente, urbana para um ambiente fechado, restrito a determinados públicos, contribui para o reconhecimento e valorização do Grafite. Outras apontam para um processo de perda de identidade quando o Grafite é levado ao ambiente da Galeria/Museu, que “cultura exposta em um museu é artesanato”. Para esses, a prática do Grafite não pode ser classificada como arte, pois ela pertence a uma categoria única, e não pode se integrar às outras práticas já consagradas de arte.

Considerações Finais

A modernidade trouxe consigo grandes mudanças, não só na maneira de pensar as cidades, mas também na maneira de se pensar arte. As divisões antes aceitas, hoje em dia não mais são aplicadas. Uma nova forma de cultura, híbrida, trouxe grandes mudanças que

propiciaram, dentre outras coisas, a aceitação/incorporação da prática do grafite como forma de expressão artística.

Dentre as mudanças que acompanham essa nova classificação, de uma cultura essencialmente urbana, é o fato da restrição temática que a produção de Grafite sofre quando é exposto no ambiente fechado das galerias e museus. Uma produção caracterizada pela liberdade temática que as ruas oferecem não pode sofrer uma limitação temática. Qualquer limitação temática aplicada a uma produção cultural acaba por descaracterizá-la. E é essa descaracterização a responsável pela negação do grafite como arte.

Referências

CANCLINI, Néstor García. **Cultura híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PAIVA, Alessandra Mello Simões. **Por uma definição de cultura urbana**: as relações entre a arte e a cidade contemporâneas. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/84633aad18d0fde6c445f4ab1cf3a53b.pdf>> Acesso em: 27 de Março de 2012.

PROSSER, Elisabeth Seraphim. **A cidade como suporte da arte de rua em Curitiba**: uma perspectiva sociológica e antropológica. IV Fórum de Pesquisa Científica e m Arte, Curitiba, out. 2005. Anais do... Curitiba: Escola de Música e Belas Artes do Paraná, 2005. Disponível em: <embap@embap.gov.br>. INSS 18092616. 15 p.

TAVARES, Jordana Falcão. **Das galerias para as lojas**: o grafite entre a arte contemporânea e o consumo. Revista Panorama: Revista Acadêmica dos cursos de Comunicação Social PUC Goiás, n. II, p. 43-54, nov. 2011.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

Sites consultados

<http://www.graffiti.org/faq/elementos_br.html> Acesso em: 11 de Junho de 2012.

<http://ramcrew.com.br/?page_id=6> Acesso em: 19 de Junho de 2012.

Entrevistas:

ALIADO. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 12:40 minutos.

AREM. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 10:19 minutos.

DAVI. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 10:05 minutos.

EMANUEL. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 16:02 minutos.

MÁRIO. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 10:17 minutos.

NIM. Entrevista concedida à pesquisadora em 10/06/2012. 7:55 minutos.